

Quatro décadas de docência e muita história para contar

AOS 71 ANOS, 41 DE CARREIRA, ÂNGELA MACHADO É A PROFESSORA MAIS ANTIGA EM ATIVIDADE NA REDE ESTADUAL PAULISTA



Ângela Machado de Vasconcelos [CREF 005873-G/SP] deu início a sua carreira em 1978, em um colégio do interior da rede estadual de São Paulo. Ela é a professora mais antiga em atividade, contabilizando 41 anos em efetivo exercício como Profissional de Educação Física. Com 71 anos, Ângela poderia estar aposentada há mais de duas décadas, mas a professora segue em sua missão na E.E. Prof. Daniel Paulo Verano Pontes, localizada no bairro do Rio Pequeno (zona oeste da cidade de São Paulo), onde leciona há 33 anos.

Ângela nasceu em Vitória, no Espírito Santo, morou no Paraná, e foi para São Paulo ainda pequena, entre 9 e 10 anos, tendo estudado em Ribeirão Preto, onde fez também a graduação e terminou seus estudos na Universidade de São Paulo (USP).

De cinco irmãs e um irmão, foi a única que chegou a ser atleta de natação, já aos 8 anos, e, também, a jogar basquete, como amadora – modalidades que até hoje são seu ponto forte como professora. Sua tia por parte de mãe, Cercilia Bonfim Rubi, foi uma de suas incentivadoras. “Formada em Educação Física, a tia Cercilia foi professora por muito tempo, era muito dinâmica, tinha a minha admiração e, na trajetória entre o esporte e a Educação Física, me espelhei nela”, lembrou.

Mas tia Cercilia não foi a sua única incentivadora. Num vestibular para Medicina, encontrou com um aluno de Educação Física, um desconhecido, que começou a falar sobre como era o curso, as atividades e o que ele fazia. Foi quando ela decidiu, de fato, cursar Educação Física. “Era tudo o que eu queria, unir a Medicina com o Es-

porte. E, assim, tudo foi se encaixando para que eu fizesse a minha escolha vocacional de alma”.

Ângela fez parte da primeira turma do curso de Educação Física da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Foram quatro anos de estudos, com conclusão do curso em 1975. “Não foi fácil, as aulas teóricas eram no centro da cidade, mas toda a parte prática era em outros locais. Então, tínhamos que andar muito na Vila Virgínia (bairro de Ribeirão Preto)”.

Apesar de todas as dificuldades, o corpo docente era composto por professores extremamente dedicados e que, cada vez mais, a inspiravam a se interessar pela Educação Física. “Eles lutavam muito para fazer um currículo bom para o curso, o que nos motivava ainda mais”. E foi na faculdade que a estudante descobriu o atletismo. “Aprendi muito com eles, que se preocupavam com o ensino, com a aprendizagem dos esportes, ou seja, queriam saber como e com quais princípios e movimentos pedagógicos iríamos ensinar os nossos alunos”. E completou: “Até hoje, muitas das atividades que aplico em aula são exercícios daquela base que eu aprendi na faculdade”.

Após a formação, veio o primeiro emprego no supletivo do Colégio São José em Ribeirão Preto, onde teve de realizar, por um ano, atividades dentro da sala, o que demandou muita criatividade. Esse foi, inclusive, um dos maiores desafios da sua carreira: a sala de aula. “Me deixa na quadra, mas não dentro de uma sala de aula (risos). Sempre preferi aplicar aulas práticas”.

“O esporte motiva os estudantes a correrem atrás dos seus sonhos. Muitos dos meus ex-alunos, a maioria da periferia, hoje são profissionais de Educação Física, outros seguiram outras carreiras, mas o mais importante: fizeram um curso superior. Isso é muito gratificante, porque sei que tem um dedinho meu aí”



Consciente das dificuldades do recém-formado, resolveu se empenhar para passar em concurso público, que na época, não acontecia já fazia 20 anos. Estudou três meses com dedicação total, pois sabia que seria concorrido e foi aprovada, em 1976. Dois anos depois, em 1978, foi convocada e começou a trabalhar na Escola Pública Estadual Enoch Garcia Leal, em Guairá, uma cidade pequena, próxima a Barretos, onde ficou por cinco anos e começou a se dedicar ao atletismo – “a base de todos os esportes”. Mudar de cidade não foi fácil, mas a professora inspirou-se na sua turma, do terceiro colegial do magistério. “Tinha de ensinar algo bom para as futuras professoras”.

No entanto, inquieta e em busca de mais conhecimento e atualização, Ângela pediu transferência para a Escola Estadual Professor Victor dos Santos Cunha, localizada na Vila Sabrina, zona norte da cidade de São Paulo. “Por lá, trabalhei muito com basquete e atletismo, e fiz várias equipes de esportes coletivos”.

Na cidade de São Paulo, Ângela realizou alguns projetos, fez pós-graduação em Basquete e Handebol, seguido do mestrado em Natação, ambos

na Universidade de São Paulo (USP), e o doutorado na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), já pensando no Marketing voltado para os esportes Natação e Basquete. “Busquei melhorar porque todos temos falhas e para saná-las é preciso estudar, ler, acompanhar periódicos, até que você começa a notar que tudo que te falam você já sabe”. Pioneira, ela acredita que foi a primeira a pensar e a trabalhar com Marketing Esportivo. “Achava que o Marketing Esportivo ia ser sucesso e hoje, vejam, já é disciplina e curso de pós-graduação”.

Em 1983 prestou concurso para a Secretaria de Esportes e Turismo e em 1985, após ter impetrado Mandado de Segurança, conseguiu iniciar seus trabalhos. Eram apenas 50 vagas. Hoje, no local, ela é instrutora de musculação para idosos no Ginásio do Ibirapuera.

Para Ângela, o seu esforço ao longo de toda sua carreira, valeu a pena. “O esporte motiva os estudantes a correrem atrás dos seus sonhos. Muitos dos meus ex-alunos, a maioria da periferia, hoje são Profissionais de Educação Física, outros seguiram outras carreiras, mas o mais importante: fizeram um curso superior. Isso é muito gratificante, porque sei que tem um dedinho meu aí”, orgulha-se.



Parar de trabalhar, no entanto, é algo que está fora de cogitação. “Diminuir, tudo bem, mas ficar sem dar aula, não consigo”, afirmou. “Aprendemos com o aluno o respeito e a sermos mais humanos. Adquirimos outra visão do mundo a partir do momento que passamos a conviver com as crianças na escola. Quando você se relaciona com elas, sente que é especial, porque elas confiam em você. E confiança é fundamental”.

Aos 71 anos, a Profa. Ângela, com toda sua experiência, sabe que ter órgãos que lutem pela profissão é imprescindível e lembra com respeito do início da história do movimento pela regulamentação da profissão e da criação dos Conselhos Federal e Regional de Educação Física do Estado de São Paulo. “São novos momentos da história da Educação Física. A tendência é crescer cada vez mais, desde que tenhamos profissionais competentes e responsáveis pelos seus atos. Representatividade, aprimoramento, dedicação, interesse pela área é tudo o que precisamos para desenvolver o respeito pelo nosso trabalho”.

Infelizmente, este deve ser o último ano de Ângela na rede estadual paulista, porque sua escola adotará o tempo integral. Claro que ela é a favor da ampliação da jornada, mas para ficar na escola teria de deixar o cargo na Secretaria de Esportes e Turismo. Em breve, ela fará a sua escolha. Vamos torcer para que continue sendo, acima de tudo, realizada.

Reportagem e fotografia: Célia Gennari e Caio Oliveira (estagiário).

“São novos momentos da história da Educação Física. A tendência é crescer cada vez mais, desde que tenhamos profissionais competentes e responsáveis pelos seus atos. Representatividade, aprimoramento, dedicação, interesse pela área é tudo o que precisamos para desenvolver o respeito pelo nosso trabalho”